Enrique Marcarian/Reuters

Cristina Kirchner defende ampliação do Mercosul, mas impõe inúmeras barreiras aos produtos brasileiros

Principal parceira, Argentina terá eleição presidencial este ano

Rival de Cristina Kirchner nas urnas ainda não foi definido. Ela deve enfrentar oposição dentro do próprio partido

Seja qual for o rumo que será tomado pelo Mercosul nos próximos anos, este dependerá do futuro político da segunda maior economia do bloco comercial, a Argentina. Em outubro deste ano, acontece o primeiro turno da eleição presidencial do país, e a chance de uma reeleição tranquila da atual presidente, Cristina Kirchner, diminuiu com a derrota do chamado peronismo oficialista nas eleições para governador da Província de Chubut, que ocorreram no último domingo.

As eleições nas províncias — que diferentemente do Brasil não ocorrem no mesmo dia — estão sendo consideradas como testes da popularidade tanto do governo quanto dos candidatos da oposição. No início de março, em Catamarca, a linha do Partido Justicialista (peronista), ao qual pertence Cristina, ganhou pontos com a vitória da candidata Lucía Corpacci, da Frente para a Vitória (sublegenda kirchnerista do PJ). Lucía teve mais de 48% dos votos.

Por outro lado, no fim de semana passado, o chamado peronismo federal (sublegenda do mesmo PJ) foi o grande vitorioso em Chubut, o que deu esperança aos opositores de Cristina para as eleições presidenciais, a despeito da acusações do governo de fraude na contagem dos votos. Entre os peronistas federais, o nome de Eduardo Duhalde, ex-presidente da Argentina, é um dos favoritos para concorrer ao principal cargo do Executivo.

No próximo dia 3 de abril, haverá eleições internas no PJ Federal para decidir quem enfrentará Cristina nas urnas: se Duhalde ou o governador de San Luis, Alberto Rodríguez Saá. Duhalde já afirmou que não descarta uma aliança contra Cristina com o chefe de governo de Buenos Aires, Mauricio Macri, outro possível candidato a presidente.

Juan Mabromata/AFP

Mauricio Macri, chefe do governo de Buenos Aires, pode se aliar a Duhalde contra Cristina

Como fica o Mercosul

Cristina já declarou diversas vezes que é a favor da ampliação do Mercosul. Durante encontro, em janeiro, com a presidente Dilma Rousseff, o discurso foi de cooperação e amizade entre os dois países, mas a avaliação de analistas é que o governo vizinho boicota sistematicamente o bloco comercial, impondo inúmeras barreiras comerciais como forma de restringir as exportações brasileiras e proteger sua cambaleante indústria.

O recente vazamento de documentos pelo site *Wikileaks*, por exemplo, mostrou que a Argentina trabalhava nos bastidores para atrair a boa vontade comercial dos Estados Unidos, enquanto que oficialmente apoiava o então presidente Lula em sua posição mais rígida em relação aos americanos. Analistas avaliam que, dependendo dos desdobramentos políticos na Argentina neste ano, pode haver mudanças no cenário para o Mercosul.

Memória

Ontem, milhares de argentinos foram às ruas de Buenos Aires e outras grandes cidades do país para lembrar os 35 anos do último golpe de Estado, com o slogan Memória, Verdade e Justiça, em repúdio a uma ditadura da qual 200 militares já foram condenados e outros 820 estão sendo processados. Os organizadores de passeatas levantavam cartazes com os dizeres "30 mil presos desaparecidos, presentes". Atualmente, o primeiro chefe da ditadura, o ex-general Jorge Videla, de 85 anos, cumpre prisão perpétua em uma cadeia comum. A acusação é de que o regime produziu também centenas de milhares de exílios e demissões. ■ **Redação com agências internacionais**

Fonte: Brasil Econômico, São Paulo, 25, 26 e 27 mar. 2011, Primeiro Caderno, p. 8.